

13

*Ainda não é o fim
nem o princípio do mundo
calma
é apenas um pouco tarde*

Manuel António Pina (2012[1969]: 7)

Resumo

Ao contrário da lógica “canónica” de Newton, em que tempo é uma coisa e espaço, outra bem diferente, Albert Einstein, na sua Teoria da Relatividade Geral, revolucionou o conceito, sustentando que o tempo é uma das dimensões do espaço. O que, em tempos de confinamento social decorrente da pandemia da Covid-19, pode configurar um contrassenso já que, para um corpo que está tendencialmente parado, o tempo corre com velocidade máxima, pelo que é difícil ter certezas sobre dinâmicas de confinamento ao longo de um determinado tempo e as suas repercussões futuras. Sendo certo que o futuro será (ainda mais) incerto do que o costume.

Palavras-chave

Tempo; Espaço; Teoria da Relatividade Geral; Princípio da Incerteza; Pandemia Covid-19

TEMPO, ESPAÇO E COVID-19: UNIDADE, FRAGMENTAÇÃO, DISSINCRONIA, VELOCIDADE, EINSTEIN, KAFKA, NOVA-NORMALIDADE E INCERTEZA NO FUTURO

DOI
10.15847/CIES2020TEMPOSUSPENSO

Author/Autor

Vítor de Sousa

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Universidade do Minho
Portugal

Introdução

No filme *Lucy*, de Jean-Luc Besson (2014), o Professor Samuel Norman (personagem protagonizada por Morgan Freeman), afirma que “o tempo é unidade”, sendo “a única variável capaz de conter as respostas para todas as nossas perguntas”. Tratando-se de uma película de ficção científica, é curioso que assente na mecânica clássica de Newton para medir o tempo de forma universal: uniforme e independente no espaço. A dicionarização afina pelo mesmo diapasão, podendo ler-se como significado de tempo “série ininterrupta e eterna de instantes”, ou “medida arbitrária da duração das coisas”¹. O que quer dizer que, neste enquadramento, tempo é tempo, e espaço é espaço. Só que essa ideia “canónica”, ainda hoje utilizada, foi posta em causa há já mais de 100 anos

(mais precisamente em 25 de Novembro de 1915), na Academia de Ciências da Prússia, em Berlim, por Albert Einstein, quando apresentou um artigo que fundamentava a sua Teoria da Relatividade Geral. De forma revolucionária, sustentava que a interação gravítica ocorria de forma totalmente diferente da proposta por Newton, assinalando que o tempo era uma das dimensões do espaço e, quanto mais intensas fossem as suas magnitudes, maior poderia ser a deformação do espaço-tempo. O que, em tempos de confinamento social decorrente da pandemia da Covid-19, pode configurar um contrasenso. É que, para um corpo que está tendencialmente parado, o tempo corre com velocidade máxima. Não obstante, como ficaria definido mais tarde, no Princípio da Incerteza de Heisenberg (1927), no quadro

¹ Retirado de <https://dicionario.priberam.org/tempo>, consultado a 12/05/2020.

da Teoria Quântica, não ser possível medir, simultaneamente e com exatidão, grandezas diretamente relacionadas, como a velocidade (tempo) e a posição de um corpo (espaço) (Asimov, 1986).

Para Einstein, o tempo é uma dimensão adicional às três dimensões espaciais (altura, latitude e longitude), não podendo delas ser separado. O físico definiu, assim, uma nova entidade, a que chamou a curvatura espaço-tempo, que podia ser distorcida de acordo com a velocidade e a gravidade que, quanto mais intensas fossem, mais intensa poderia ser a deformação dessa curvatura (Schwartz e Mcguinness, 1999).

Foi daqui que saiu uma pretensa “quinta dimensão”, que muito embora nunca tivesse existido, ganhou força depois de a “quarta dimensão temporal” de Einstein se ter tornado muito popular na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos da América, mesmo que nada tivesse a ver com ela. O certo é que a alegada “quinta dimensão” se terá disseminado pelos vários campos do saber, sendo utilizada como uma espécie de Deus, numa metáfora para aquilo que se não pode explicar.

Na ideia de Einstein, espaço e tempo são, assim, faces de uma mesma moeda, sendo que o Universo é movido a uma velocidade distribuída entre ambas as dimensões, mas com repercussões diferentes, variando mesmo de pessoa para pessoa. O que faz com que, num corpo parado, o tempo corra com velocidade máxima. O que se pode associar ao momento de confinamento social atualmente vivido, em que muitas pessoas estão remetidas às suas próprias casas - sendo que existem “muitos tipos de ‘casa’ e alguns dos

espaços em que neste momento se é obrigado a viver continuam apenas a ser meros ‘tempos-espaços de vida’” (Araújo, 2020: s.p.) -, trabalhando à distância, saindo apenas para resolver problemas básicos do dia-a-dia, usando tendencialmente máscara e luvas para evitar o contacto com o vírus, numa dinâmica imposta pelas entidades nacionais de Saúde. E, essas saídas, ainda que esporádicas, são um bálsamo para evitar a quase entropia do sistema, depois de o enclausuramento que se diz social, mas que, na prática, tem recortes antissociais, podendo provocar danos na saúde, nomeadamente ao nível mental.

Tempo social e confinamento

No confinamento, depois de voltas e mais voltas dadas à cabeça, torna-se difícil encontrar algo para preencher o tempo de clausura, que envolve, para além do trabalho profissional (para quem teletrabalha), o ócio quase sem balizas, bem como o tédio provocado pelo cerceamento da liberdade de movimentos em forma igualmente distendida, em que existe um aparente tempo total para gerir, que envolve, por conseguinte, todas as horas do relógio, desde o começo do dia até à noite. Ou seja, a vida está circunscrita de uma forma nova e com a liberdade limitada. É aqui que poderá residir o problema em que, no quadro da Teoria da Relatividade Geral, a velocidade é máxima para um tempo parado. Ao contrário, quando o tempo social é encarado com “normalidade” (em que há interação presencial com o “outro” e não existe confinamento), o corpo movimenta-se, ganha velocidade na dimensão do espaço, muito embora Einstein assinala que a velocidade do tempo diminui, o que quer dizer, por exemplo, que à velocidade da luz²

² Stephen Hawking, na sua Breve História do Tempo (2019), advertiu os leitores para não se preocuparem com fórmulas, já que a única equação que o livro trazia era apenas uma, e bem simples: $E=mc^2$. Ela revolucionou a

o tempo não passa, de todo. Há, por isso, que desacelerar, movimentando o corpo. Que inclui o cérebro, que por sua vez se serve do invólucro desse corpo para se dimensionar num pretense desconfinamento, nem que seja mental, mas que se quer efetivo e eficaz.

O tempo social, como assinala Eduardo Duque, não é apenas a realidade objetiva que configura e organiza a vida social, mas é também “a maneira pela qual cada sociedade se desenvolve e dá sentido à sua existência, vivendo numa temporalidade que ela própria configurou”. O tempo, não é assim, apenas um facto externo que é assumido pelos sujeitos como adquirido, mas “é criado e recriado através de múltiplos processos e relacionamentos que vão tecendo a vida social”. Os tempos não são uniformes, nem as sociedades homogêneas, pelo que “todas as formas de poder existentes ao longo da história criaram e estabeleceram uma determinada temporalidade” (Duque, 2019: s.p.).

Com o início da modernidade, verifica-se uma rutura com a temporalidade anterior, estando diretamente relacionada com mundo do trabalho. Desde os anos 60 do século XX que se vive numa era assente no desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação, com o conseqüente incremento da velocidade. A fragmentação subsequente e a integração de novas realidades desembocaram na crise de paradigmas (Lyotard, 1986), o que se repercutiu também sobre o plano identitário, que Stuart Hall (2000) integra num processo mais amplo de mudança que abalou os quadros de referência que davam aos indivíduos estabilidade no mundo social. Toda a lógica da modernidade foi, então, desconstruída, provocando

o descentramento e colocando em causa a legitimidade e a “bondade” explicativa anterior, caindo, assim, por terra a organização hegeliana assente na ideia de tese, antítese e síntese, uma vez que todos estão, agora, convocados para o presente, existindo um princípio, mas não um fim definido (Martins, 2011).

Como assinala François Hartog (2003), existe o risco de que tudo o que é da história se comprima em história contemporânea, que o próprio tipificou no conceito de “presentismo”. Já antes, o historiador Marc Bloch definira história como “a Ciência dos Homens no tempo”, colocando em causa a ideia dos que afirmavam que ela seria, apenas, “a ciência do presente”, ou “a ciência dos homens” (Bloch, 1965: 25), acrescentando o factor “tempo” como dimensão preponderante a considerar. A sensação de perda de historicidade em certos momentos ou no quadro de determinadas visões do mundo que surgem na história podem ter uma explicação plausível a partir dos conceitos de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, de Reinhart Koselleck (1979), pioneiro nas referências sobre a aceleração do tempo no quadro da história.

É neste contexto que o escritor Javier Cercas assinala que um dos aspetos decisivos do nosso tempo é que vivemos numa ditadura do presente, em grande parte gerada pelos meios de comunicação, pelo que defende que o presente não deve ser simplificado, ao ponto de deixar de ser compreendido (Leiderfarb, 2020: E55). O presente não é, contudo, uma dimensão abstrata do tempo.

Segundo José Gil (2012), o presente é o que permite a consistência do movimento no

física do século XX e estabelece a equivalência quantitativa da transformação da matéria em energia ou vice-versa ($E=energia$, $m=massa$ e $c^2=velocidade da luz elevada ao quadrado$).

fluir da vida, o encontro e a intensificação das forças vivas do passado e do futuro, para que possam irradiar no presente em múltiplas direções. Numa crónica que escreveu nos tempos da última crise financeira, em que Portugal esteve sob assistência da denominada “troika”, referia que as pessoas se escondiam, se exilavam, mais parecendo desaparecer enquanto seres sociais. E, por razões muito diferentes das de hoje, muito embora com a lógica financeira no cerne da questão, afirmava que “o empobrecimento sistemático da sociedade está a produzir uma estranha atomização da população” (Gil, 2012: 20). Devido ao facto de o Governo não só ter desmantelado o Estado Social, como destruído a sociedade civil, José Gil afirmava que isso significava que tinha deixado de existir tempo para o convívio, para além de a solidariedade efetiva não chegar para retecer o laço social perdido. E, sendo Portugal “um país de crises” (Leone, 2016: 67), não haverá muitas crises a uma escala macro a nível mundial. Para além das duas guerras mundiais, aquela que se prende com a pandemia da Covid-19 parece ser a terceira, já que é global e quase nenhum país lhe escapou. O problema desta crise foi o seu imediatismo e essa foi a grande diferença em relação às outras crises.

As consequências das crises como o “novo normal”

Nunca tinha acontecido uma crise assim, e nenhuma outra se repercutiu, de forma tão rápida, por todo o globo. Sendo que foi o Presidente da República que fixou o Estado de Emergência que, entretanto, foi alterado pelo Governo para Estado de Calamidade. São ambos estados excepcionais decorrentes da crise provocada pela Covid-19, que mudou a nossa vida. Não sabemos se para sem-

pre. Sabemos, sim, que mesmo tendo sido declarada recentemente, a pandemia já nos parece uma eternidade. Porque nunca houve um acontecimento na história que fosse capaz de parar o Mundo de forma tão repentina e drástica, numa situação que está ainda longe de estar vencida. A palavra “confinamento” — que, segundo o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*³, significa “ato ou efeito de confinar ou de se confinar; limite, fronteira; isolamento” — já tem um peso relativo dependendo, no entanto, do significado que cada um lhe atribui. Segundo Albertino Gonçalves, esta é uma epidemia global, abrupta, sem termo, sendo que “o vírus não se vê, não se ouve, nem se toca, mas apodera-se de nós. Contamina a um ritmo letal de que a vida não tem memória”. O poder está em estado de alerta e a sociedade em estado de alarme: “de um momento para outro, sentimo-nos indefesos. O confinamento cristaliza esta vulnerabilidade. A adesão foi franca. Face ao perigo, encolhemo-nos e recolhemo-nos como caracóis” (Gonçalves, 2020, s.p.).

No ensaio *O Aroma do Tempo*, Byung-Chul Han (2016) sustenta que a nossa atualidade é dominada, não por uma incessante aceleração do tempo, mas, ao contrário, por uma crise temporal assente numa dissincronia, que não é mais do que a atomização do próprio tempo sem rumo nem ordem ou conclusão que o impede de durar de forma substancial nas nossas vidas. É composto por momentos indistinguíveis e sequenciais, que faz com que qualquer instante pareça igual a outro, e não exista nem um ritmo, nem um rumo, que confira significado às nossas vidas.

E em tempo de confinamento provocado pela pandemia? Haverá dissincronia? Como é que as mudanças na vida social se repercutem

³ Retirado de <https://dicionario.priberam.org/confinamento>, consultado a 14/05/2020.

no fluxo temporal? É uma atomização invertida? O contexto muda a retórica? O tempo ocupa-se, agora (enquanto durar a crise), da mesma maneira, de todos e da mesma forma? É sabido que não e, como qualquer outra crise, ela tem um impacto na generalidade das pessoas, mas não, também, da mesma forma. No limite, há quem, desde logo, tenha ficado desempregado durante a pandemia e com grandes dificuldades associadas para sobreviver. Ao contrário, há quem teletrabalhe e administre o tempo quase a seu bel-prazer, não obstante o confinamento.

Sendo a realidade social do tempo e dos tempos cada vez menos objetiva, alterada e constantemente reconfigurada, Araújo, Duque e Franch (2013) discutiram o sentido das expressões “não fazer nada” e “não ter nada para fazer”, no contexto das sociedades contemporâneas. E, não obstante as suas ideias serem exploratórias, observam que as mudanças culturais que ocorrem nas sociedades podem ser analisadas como “repertórios interpretativos”. E, tendo em conta que não existe qualquer conteúdo psicológico interno nos indivíduos que comande os seus comportamentos, tanto o “nada para fazer”, como o “não fazer nada” podem ser concebidos como “elementos constituintes do discurso crítico acerca dos modos de administração científica do tempo que toma este como unidade central da produção (...) e, por isso, podem configurar modos de subordinação ou de resistência a essas estruturas de valorização do tempo”. Tanto “não ter nada para fazer”, como “não fazer nada”, materializam-se “não apenas no conjunto de regulações e de intervenções nos tempos de

trabalho, como também no alinhamento de prioridades e de programas de política social” (Araújo, Duque e Franch, 2013: 346).

É deste modo que Byung-Chul Han (2016), propõe a revalorização do ócio como contemplação da verdade, o que não tem que ver, paradoxalmente, com qualquer afastamento da realidade. O filósofo escreveu isto muito antes da crise pandémica, deixando claro que a crise temporal decorre exatamente da eliminação da contemplação. É que a realidade, por ter um recorte instantâneo, não consegue que alguém atinja qualquer plenitude por falta de profundidade e excesso de uma dinâmica efémera. Ora, nesse sentido, a crise pandémica não poderá ajudar à contemplação, à duração temporal, juntando alguns dos cacós da dissincronia?⁴

Neste contexto, não se trata da existência de qualquer *não-tempo* explicativo para a anomalia causada pela atual pandemia. Na curta de Francisco Duarte, intitulada exatamente de “Não-tempo” (2017), parte-se dos “não lugares”, de Marc Augé (2002), para explorar os intervalos em que se permanece confinado nesses locais através de imagens captadas em transportes públicos. Longe da nossa casa, na atualidade, a verdadeira capaça contra a Covid-19 que, por princípio, é o contrário de não-lugar, Marc Augé propôs, precisamente, o não-lugar como oposto ao lar, à residência, ao espaço personalizado. Um não-lugar era, assim, assumido por exemplo como um aeroporto, uma estação de metro, os hipermercados, ou as cadeias de hotéis. Ora, em tempo de Covid-19, será que este conceito não terá sofrido alterações, subvertendo a lógica da sua cunhagem?

⁴ O jornal Expresso perguntou a 23 personalidades portuguesas sobre qual seria a primeira coisa que fariam depois de passar a pandemia. Apenas cinco responderam no sentido de que se estariam a dar bem com o confinamento. A grande maioria (18) esperava sair da clausura e dar largas aos planos previstos para o regresso à “normalidade” (Expresso, 2020: 20-21).

Regressar a casa sempre foi o objetivo, sendo que, permanecer em casa mais de dois meses, lá desenvolvendo quase toda a nossa atividade – lazer, trabalho, amor, desatino... –, pode implicar tédio e, embora de uma forma não literal, pode ser como se estivéssemos num aeroporto, de passagem para outro lugar; para outro tempo. Um tempo sublinhadamente incerto. E, muito embora desconfinados, o confinamento persiste e, com ele, a aproximação ao não-lugar cadenciado por um não-tempo. De uma não-sociedade. De uma não-existência. E, por outro lado, de todo o seu contrário, assente na esperança que a incerteza do futuro pode trazer. Mesmo que o vírus não seja um ser vivo, já que os vírus são os únicos organismos acelulares do nosso planeta.

Quem também se refere a um “não-tempo”, é Jonathan Crary (2013), com a crítica que desenvolve no livro *24/7: Capitalismo tardio e o fim do sono*, a explorar algumas das consequências que reputa de ruinosas dos processos de expansão *non-stop* do capitalismo do século XXI. Em que o mercado utiliza todas as horas do relógio, empurrando-nos para uma atividade constante e minando as formas de comunidade e de expressão política, danificando o tecido da vida quotidiana. Para Crary (2013), a apatia humana é incompatível com o capitalismo *non-stop*, o que não deixa de ser interessante num tempo em que o mundo aparentemente parou. Mas que continua a alimentar canais de notícias, 24 sobre 24 horas, deixando transparecer que as mudanças decorrentes da crise podem ser menores do que aquilo que se pensa. De resto, essa dinâmica intensificou-se em pleno desenvolvimento da pandemia, com os média que, não obstante mostrarem o tempo-lento das ruas, promovem o tempo-rápido com as novidades relativas ao vírus que se

apoderou do espaço mediático. Sendo que tudo é visto pelo consumidor num tempo-lento, parado, em consonância com a velocidade máxima subsequente, à luz da Teoria da Relatividade Geral.

À semelhança de “tempo”, a palavra “espaço” também tem múltiplos significados. Pode ser uma “área que está no intervalo entre limites”; um “lugar vazio que pode ser ocupado”; um “ponto em que não há ou rareia aquilo que existe à volta”; ou o “tempo de duração ou tempo que medeia duas operações ou dois atos”. Pode também querer dizer Universo, “extensão que contém o sistema solar, as galáxias e as estrelas”⁵ e, aí, entra a Relatividade de Einstein, acrescentando a “dimensão temporal” às três espaciais. E todas as sensações de uma aparente desaceleração, por causa do confinamento social, entram na vida das pessoas que estão obrigadas a estar em casa. Implicadas numa vivência para o presente que, de súbito, sofreu um corte, por causa das medidas tendentes a evitar o contágio de um vírus. E, em pouco mais de dois meses, aquele que era tido como paradigma, sofreu uma mudança radical. Com as pessoas a estarem, muitas delas, remetidas às suas casas, confinadas a poucos metros quadrados, onde convivem com quem vive com elas, comem, dormem, trabalham, veem televisão (Chatzitheochari e Mullan, 2019). Um mundo à distância que continua, como antes e como sempre, a ser uma construção social da realidade, que faz com que se continue na vivência do presente. Muito embora faça ter a consciência de que existe uma “anomalia”. Que determina alterações profundas no dia-a-dia e que tem que ver com a forma como o tempo flui. E, então, acelera-se a sério, como se não houvesse amanhã. Muito embora numa corrida em circuito fechado, sem meta à vista. Que

5 Retirado de <https://dicionario.priberam.org/espaco>, consultado a 12/05/2020.

gera inquietação, incomodidade, insónia. Desligamento da mente em relação ao corpo. Numa espécie de cortejo dos penitentes de sofá. Com os olhos postos no resultado do *zapping*, que já se faz em *loop*. Ou num arranjo gráfico de letras, que faz o somatório de um livro. Com o mesmo tempo, mas a correr na roda de um *hamster* que não sai do sítio. E no mesmo local: o sofá. Tempo-lento? Tempo-rápido? Outro-tempo?...

É o novo-normal, palavra saída dos diretos das televisões, através da voz dos políticos, jornalistas, bombeiros, cidadãos, para interiorizar uma nova realidade que sairá do fim da pandemia.

E, entre a velocidade temporal e a respetiva desaceleração, será que existe uma descontinuidade (dissincronia)? Tratar-se-á de uma anomalia, decorrente da utilização das mesmas horas do relógio para trabalhar mais e produzir mais? Ou configurará um distanciamento das políticas dos países europeus mais desenvolvidos dos anos 90 do século XX, em que se reduziu o tempo total diário de trabalho para acrescentá-lo ao ócio? A intensificação do fenómeno da globalização veio deitar por terra toda essa ideia. A anomalia já existia, assente no tempo *non-stop* que ocupava todas as horas do relógio. Alternado o equilíbrio anterior em que a distância da demora se tornava em ansiedade boa. E que, depois, implicava serenidade, convívio, uma mesa e algumas cadeiras com gente à volta dela, interagindo.

Em ambos os casos, a ideia de anomalia consubstanciou consequências. O tempo-rápido foi aparentemente colmatado com a vida à distância, como nunca se tivesse trabalhado tanto. No tempo-lento, que tinha sido cortado pelas dinâmicas globais

do tempo-presente, foi o regresso junto de quem está em confinamento. Mas que, paradoxalmente, o encara como anomalia, mais parecendo querer um regresso à vivência anterior, voltada para o presente, como se não houvesse amanhã.

Mark Honigsbaum passou os últimos anos a estudar as principais epidemias e a sua consequência nas sociedades. O livro de que é autor, *The pandemic century*, foi publicado ainda na primeira metade de 2019. E, se bem que a pandemia do novo corona vírus ainda estivesse longe, foi como que um presságio para o que veio a acontecer. O desinvestimento na área da saúde, a vertigem da destruição de *habitats* naturais e a economia assente em lucros desmedidos serão, de acordo com o investigador, os grandes responsáveis pela crise que teremos que enfrentar nos próximos meses (Neto, 2020: 14).

O amanhã, o futuro, faz pensar. E, se o pensamento daí decorrente assentar na anomalia – “o que se desvia da norma, da generalidade”; “irregularidade”; “deformidade”; “monstruosidade”⁶ –, poderá ser de aproveitar o momento, mesmo que isso possa não passar de uma utopia. É sabido que, nas relações de poder, quem detém o poder terá sempre mais poder, nomeadamente em tempo de crise, que é aquele em que vivemos.

Nada será como dantes, ou a ratificação da exceção

Seja como for, o confinamento produziu resultados em Portugal e no Mundo. E ensinou-nos, por arrasto, o que devemos fazer e o que não devemos repetir. Tirámos várias lições. Da importância da ciência, à necessidade da robustez dos serviços públicos de saúde, passando pelos dilemas

⁶ Retirado de <https://dicionario.priberam.org/anomalia>, consultado a 12/05/2020.

associados às liberdades individuais, terminando nas formas de ensinar e trabalhar à distância e nos desafios que uma crise económica sem precedentes trará às relações laborais e pessoais. Acrescente-se que, como Boaventura Sousa Santos refere, o confinamento tem uma lógica de tal modo contracorrente que a sua duração tem de ser limitada, observando que “atuamos no escuro e no escuro há pouco espaço para a política, sobretudo para a política democrática”. O problema é saber quanto tempo é que ela vai durar, sendo claro que “aquilo a que chamamos pós-pandemia é, de facto, o início de um longo período de pandemia intermitente” (Santos, 2020: 15). Ou, no dizer de Maria José Morgado, trata-se não de “um problema sanitário, mas de direitos humanos” (Morgado, 2020: 32).

Andrew Solomon, chama a atenção para o crescimento nunca visto da depressão e, também, do desemprego, que equipara a um teatro de operações militar (Rios, 2020: s.p.). A depressão (e o desenvolvimento de situações muito semelhantes ao stress pós-traumático), o desemprego e a fome já surgiram e vão continuar a manifestar-se em diferentes graus e modulações, tocando-nos, como sempre sucede, de forma diferenciada. Veremos desaparecer o mundo em que vivíamos e a forma como nos relacionávamos, sem saber se algum dia os recuperaremos integralmente e deprimir-nos-á a todos, porém o desemprego e a fome tocarão cada um de nós de forma muito diferenciada. Num inquérito da Universidade Católica para a RTP realizado entre os dias 6 e 11 de maio de 2020, o número de pessoas que perderam o emprego durante a pandemia atingiu os 8%, o dobro

do valor registado no mês anterior⁷. E, apesar do *lay-off*, paradoxalmente a faturação de várias empresas disparou com contratos relacionados com a Covid-19.⁸

Segundo Daniel Innerarity, esta crise testará muitas coisas e algumas nunca mais serão as mesmas, como é o caso da democracia. Os debates que têm ocorrido nas últimas semanas têm-nos confrontado com pelo menos três problemas que são particularmente recorrentes para a democracia: o da exceção, o da eficácia e o da mudança social. Innerarity sustenta que a constituição de países democráticos permite exceções, embora limitadas em assuntos e tempo, sendo que os decretos de emergência criados pelos governos europeus estão condicionados ao que se refere à luta contra o coronavírus, pelo que são limitados no tempo e não criam novos crimes. No entanto, observa que “a democracia, mesmo em tempos de alarme, precisa de contradição e exige justificações” e o pluralismo “não é apenas um requisito normativo, mas também um princípio de personalidade. As situações de alarme não suspendem o pluralismo, mas apenas a sua dimensão competitiva” (Fundação Calouste Gulbenkian, 2020).

Por isso, num tempo que decorre em ponto-morto, desacelera-se. Mas, logo a seguir, acelera-se, depois de emergir a ideia de que a mudança de paradigma não tem que ver com o ócio. Pelo que há que apresentar “resultados” e participar ativamente na “nova realidade”, onde se vai sobreviver, trabalhar, pagar contas. Como se, de repente, vestíssemos a pele de Gregor Samsa, o caixeiro-viajante de “A Metamorfose” (2009), de Kafka,

⁷ Retirado de <https://hrportugal.sapo.pt/covid-19-numero-de-pessoas-que-perdeu-o-emprego-duplicou-no-ultimo-mes/>, consultado a 12/05/2020.

⁸ Retirado de <https://expresso.pt/economia/2020-05-11-Covid-19-Conheca-as-empresas-que-fizeram-ajustes-diretos-milionarios-com-a-Direcao-Geral-da-Saude>, consultado a 12/05/2020.

que abandona as suas vontades e desejos para sustentar a família e pagar dívidas. E, numa certa manhã, acorda metamorfoseado num inseto monstruoso. Uma ironia presente no livro é que Gregor não se preocupa com a sua transformação, mas sim com o facto de estar atrasado para o trabalho.

Notas finais

O novo-presente é incerto, como sempre foi, de resto, o futuro (Morin, 2011; Touraine, 2010). António Damásio utiliza três palavras para descrever o momento atual: “tragédia, incerteza e esperança” (Silva, 2020). Que a quarentena que usamos para nos isolarmos do vírus possa ser o início de um conjunto de novas imitações que façam barreira “não apenas contra o vírus: contra cada elemento de um modo de produção que não queremos que seja retomado” (Latour, 2020). Apelidam-no de nova-normalidade, sendo que a normalidade pode muito bem ser uma abstração em si própria. O que não impede que se perore sobre o “mundo novo”, o “homem novo” e o “planeta (mais) verde”. São ideias recorrentes na sociedade que já existiam, de resto, mas onde vai assentar a retórica do pós-pandemia, em que nem a globalização escapa. E, num quadro em que a crise está mais sublinhada, resta saber se a via alternativa da alter-globalização preconizada por Michael Hardt e Antonio Negri (2019) ficará mais longe de conseguir os objetivos. Já que o tempo é de consenso e, quem não estiver alinhado, pode ser ainda mais absorvido pela nova-normalidade. E, afinal, o que é a normalidade? José Tolentino de Mendonça sublinha que ela “não é um conhecido lugar a que se volta, mas uma construção onde somos chamados a empenhar-nos” (Mendonça, 2020: E90). Talvez por isso Jürgen Habermas deixe claro que, nesta crise, “devemos agir com o conhecimento explícito do nosso não conhecimento” (Truong, 2020).

O Princípio da Incerteza, de Heisenberg, diz não ser possível medir, simultaneamente e com exatidão, grandezas diretamente relacionadas. Einstein, na sua Teoria da Relatividade Geral, afiança que o tempo constituiu uma das dimensões do espaço sendo, por isso, difícil ter certezas sobre dinâmicas de confinamento ao longo de um determinado tempo bem como as suas repercussões futuras. Sendo certo que o futuro será (ainda mais) incerto do que o costume (Sousa, 2020). Será essa a nova normalidade. Na física, na vida social e logicamente, também na metafísica.

Referências

- Araújo, Emília (2020), “Questões de tempo e espaço: Do teletrabalho, ao “ficar em casa”, passando pelo confinamento”, em *Communitas Think Tank* (09/04/2020), consultado a 09/04/2020, em <http://www.communitas.pt/ideia/questoes-de-tempo-e-espaco-do-teletrabalhoao-ficar-em-casa-passando-pelo-confinamento>
- Araújo, Emília, e outros (2013), “Nada Para Fazer”: nova(s) epistemologia(s) do tempo social”, *Revista Lusófona de Estudos Culturais | Lusophone Journal of Cultural Studies*, vol. 1, nº2, pp. 337-350.
- Asimov, Isaac (org.) (1986), *Asimov Explica*, Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- Augé, Marc (2012), *Não lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, Lisboa, Letra Livre.
- Besson, Jean-Luc (realizador) (2014), *Lucy*, filme, Universal Pictures.
- Bloch, Marc (1965), *Introdução à História*, Lisboa, Edições Europa-América.
- Chatzitheochari, Stella, e Mullan, Killian (2019), “Alone together: how mobile devices have changed family time.”, em *The conversation* (sem data), consultado a 17/03/2020, em <https://theconversation.com/alone-together-how-mobile-devices-have-changed-family-time-111478>
- Crary, Jonathan (2013), *24/7: Late Capitalism and the Ends of Sleep*, London/ New York, Verso.
- Duarte, Francisco (realizador) (2017), *Não-Tempo*, filme - curta, IndieLisboa.
- Duque, Eduardo (2019), “O tempo social e a reconfiguração das nossas sociedades”, em *Pastoral da Cultura* (18/02/2019), consultado a 15/03/2020, em https://www.snpcultura.org/o_tempo_social_e_a_reconfiguracao_das_nossas_sociedades.html
- Expresso (2020), “Covid-19 e depois? Qual a primeira coisa que quer fazer?”, em *Expresso* (01/05/2020), pp. 20-21.
- Fundação Calouste Gulbenkian (2020), “*Gulbenkian Future Forum Conference: Panel 3, - A Political Crisis*”, emitida a 06/04/2020, consultada a 18/05/2020, em <https://youtu.be/XkuXijUCMAY>
- Gil, José (2012), “O roubo do presente”, em *Visão* (20/12/2012), p. 20.

- Gonçalves, Albertino (2020), “Nem a morte nos reúne”, em *Communitas Think Tank* (14/04/2020), consultado a 14/04/2020, em <http://www.communitas.pt/ideia/nem-a-morte-nos-reune>
- Hall, Stuart (2000), *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A.
- Han, Byung-Chul (2016), *O Aroma do Tempo*, Lisboa, Relógio d'Água.
- Hardt, Michael, e Negri, Antonio (2019), “*Empire, twenty years on*”, *New Left Review*, nº 120, pp. 67-92.
- Hartog, François (2003), *Regimes d'Historicité: presentisme et experiences du temps*, Paris, Seuil.
- Hawking, Stephan (2019), *Breve História do Tempo*, Lisboa, Gradiva.
- Kafka, Franz. (2009), *Metamorfose*, Lisboa, Editorial Presença.
- Koselleck, Reinhart (2006), *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, Rio de Janeiro, Contraponto/Ed. PUC-Rio.
- Latour, Bruno (2020), “Imaginando gestos que barrem o retorno ao consumismo e à produção insustentável pré-pandemia” em *Jornal Clima Info* (03/04/2020), consultado a 05/04/2020, em <https://climainfo.org.br/2020/04/02/barrar-producao-insustentavel-e-onsumismo/>
- Leiderfarb, Luciana (2020), “Não simplifiquemos o presente, ao ponto de deixar de o compreender”, em *Expresso* (10/04/2020), E51-E55.
- Leone, Carlos (2016), *Crise e crises em Portugal*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Lyotard, Jean-François (1986), *O Pós-moderno*, Rio de Janeiro, José Olympio.
- Martins, Moisés de Lemos (2011), *Crise no Castelo da Cultura*, Coimbra, Grácio Editor.
- Mendonça, José Tolentino de (2020), “Normalidade”, em *Expresso* (09/05/2020), E, E90.
- Morgado, Maria José (2020), “Quando pudermos voltar a chorar”, em *Expresso* (09/05/2020), p. 32.

- Morin, Edgar (2011), “Compreender o mundo que aí vem”, em Edgar Morin e Patrick Viveret (org.), *Como viver em tempo de crise?*, Lisboa, INCM, pp. 9-25.
- Neto, Ivo (2020), “A crise económica é uma consequência do desinvestimento na saúde”, em *Público* (10/05/2020), p.14.
- Pina, Manuel António (2012[1969]), *Manuel António Pina, 2012/1969*”, Porto, Assírio & Alvim.
- Rios, Pedro (2020), “Andrew Solomon: “Nunca houve uma taxa tão alta de depressão””, em *Público* online (02/05/2020), consultado a (02/05/2020), em <https://tinyurl.com/y7tv4wts>
- Santos, Boaventura Sousa (2020), “Para o futuro começar”, em *Público* (11/05/2020), p. 15.
- Schwartz, Joseph, e Mcguinness, Michael (1999), *Einstein para Principiantes*, Lisboa, Dom Quixote.
- Silva, João Céu (2020), “Há três palavras mágicas para o que vivemos: tragédia, incerteza e esperança” em *Diário de Notícias* online (18/04/2020), consultado a (18/04/2020), em <https://tinyurl.com/ybf44o9t>
- Sousa, Vitor de (2020), “O passado tranquiliza, o futuro mete medo” – Reflexões sobre o impacto social da pandemia da Covid-19, a partir do livro *O Futuro tem futuro*, de Jacques Séguéla (1998)”, em *Communitas Think Tank – Ideias* (06/04/2020), consultado a 06/04/2020, em <http://www.communitas.pt/ideia/o-passado-tranquiliza-o-futuro-mete-medo>
- Touraine, Alain (2010), *Depois da Crise*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Truong, Nicolas (2020), “Jürgen Habermas : «Dans cette crise, il nous faut agir dans le savoir explicite de notre non-savoir»”, *Le Monde* online (10/04/2020), consultado a (13/04/2020), em <https://tinyurl.com/vgtvngc>